



A contribuição intelectual da mulher angolana no processo da independência da Angola

The intellectual contribution of Angolan women in the independence process of Angola

Pedro Paulo Ramos Ventura

Bacharel em Teologia pelo Seminário Betânia em Camaquã - RS.

Graduado em História e Letras - Uniasselvi, Camaquã – RS.

Graduado em filosofia e Mestrando/Bolsista Prosup - CAPES pelo PPGF – Unisinos - RS.

Coordenador dos Direitos Humanos - NEABI, Unisinos, PRONASCI, ABNG e Prefeitura de Canoas - RS.

Membro do Grupo de Estudos Africanos - UFRGS.

Resumo:

O autor é angolano e atua em um dos projetos do NEABI. A reflexão que apresenta neste artigo faz parte da interlocução que se busca, no NEABI, com a história e cultura africanas. O artigo se propõe a um olhar reflexivo sobre a mulher angolana as camadas sociais; destacamos a característica peculiar e própria da mulher em Angola. Algumas mulheres que contribuíram diretamente no desenvolvimento político, e social em Angola na era colonial e pós- guerra civil que durou aproximadamente 40 anos. O âmago deste artigo é abordar a mulher intelectual na época da invasão portuguesa, e pós- guerra civil em Angola. A mulher angolana, ou a mulher africana, tem característica peculiar, são diferentes de outras mulheres fora do continente africano. O artigo fala da mulher intelectual angolana, e não das mulheres africanas no modo geral. Ao falarmos da mulher intelectual em Angola reconhecemos que não é fácil ser mulher em nosso contexto. São discriminadas pela condição em primeiro de ser mulher; ser mulher em Angola é ser dona de casa, que sustenta a família, que suporta o marido agressivo, por vezes é polígamo uma condição próprio e cultural nos países de África. O conceito intelectual orgânico Gramsciano é utilizado porque se encaixa a mulher intelectual angolana. Para Gramsci o intelectual orgânico necessariamente passa pela academia, mas qualquer indivíduo que no uso da sua razão é capaz de abstrair, fazer uma reflexão crítica.

Palavras-chave: Mulher Intelectual. Pós-guerra Civil em Angola.

Abstract:

The author is Angolan and operates in one of NEABI projects. The reflection presented in this article is part of the dialogue that is sought in NEABI, with African history and culture. The article proposes a reflective look on the Angolan woman in the different social levels; it highlights the peculiar and unique characteristic of women in Angola. Some women who have contributed directly in the political, social development in Angola in the colonial era and post-civil war that lasted about 40 years. The core of this article is to address the intellectual woman at the time of the Portuguese invasion, and post-civil war in Angola. The Angolan woman, or African woman, has peculiar characteristics, are different from other women outside of Africa. The article talks of the Angolan intellectual woman, not of

African women in general. When we speak of the intellectual woman in Angola we recognize that it is not easy being a woman in our context. They are discriminated against first by the condition of being a woman; being a woman in Angola is being a housewife, who supports her family, who supports the aggressive husband who is sometimes polygamous, a unique and cultural condition in the countries of Africa. The Gramscian organic intellectual concept is used because it fits the Angolan intellectual woman. For Gramsci the organic intellectual necessarily involves academia, but any individual in the use of his reason is able to abstract a critical reflection.

Keywords: Intellectual woman. Post Civil War in Angola.

Localização geográfica de Angola

Nome oficial: República de Angola; Capital: Luanda (05 milhão de habitantes); População: 15 milhões de habitantes. Composição por sexo: masculino: 49,3% e feminino: 50,7%; Densidade demográfica: 8,3 hab/Km²; População urbana: 32% (1995); Médicos por habitante: 1 por 15.109. Esperança de vida à nascença: 45 anos (homens) e 48 anos (mulheres); Mortalidade infantil: antes dos 05 anos: 209; língua oficial: Português. As principais línguas nacionais são: Umbundo, Kimbundo, Kingongo, Fiote, Tchokwe, N'ganguela e Kunhama. Unidade Monetária: Kwanzas. Analfabetismo: 60%. Localização: Angola situa-se na costa ocidental do Continente Africano na sua parte austral, entre os paralelos 4'22 e 24'05. Superfície: 1.246.700. Km² fronteira terrestre: 4.837. Km. Marítima: 1.650. Km. Norte: República do Congo e República Democrática do Congo; - Leste: República Democrática do Congo e República da Zâmbia; - Sul: República da Namíbia; - Oeste: Oceano Atlântico. Clima: é equatorial em Cabinda, tropical seco no norte e desértico no sul. Angola tem duas estações: a das chuvas e a do cacimbo. Chuva: mais quente normalmente dura de setembro a maio; Cacimbo: é menos quente e vai de maio a setembro. Temperatura média: 27°C (máxima) e 17°C (mínima).

Breve síntese histórica

Angola sofreu 500 anos de colonização portuguesa (1482- 1975). Foram 14 anos de luta para a libertação nacional (1961-1975), dirigida pelo Dr.º e poeta Antonio Agostinho Neto (primeiro presidente de Angola). Em 1922 nasce Antonio Agostinho Neto, às 05 horas do dia 17 de setembro, em Kaxicane, Freguesia de S. José, conselho de Icolo e Bengo, Distrito de Luanda, filho de Agostinho Pedro Neto, catequista da missão americana em Luanda, sendo mais tarde pastor e professor nos Dembos¹, e de Maria da Silva Neto, professora. Em 1947 surge o grupo que atua com o tema: “Vamos Descobrir Angola”, que dá origem ao Movimento dos Jovens Intelectuais de Angola, do qual Agostinho Neto foi elemento integrante, embora vivendo em Portugal. Em 10 de dezembro funda o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). Em 1961 em 04 de fevereiro é desencadeada a luta armada pelo MPLA. 11 de novembro, Agostinho Neto proclama a independência de Angola.

¹ Distrito de um determinado município ou província. A palavra distrito usada no Brasil equivale, em Angola, a palavra comuna ou Dembos.

Com a morte de Agostinho Neto de Leucemia, em 1979, na ex-União das Repúblicas Soviética, atual Rússia, José Eduardo dos Santos é proclamado segundo presidente substituto. Em 1991, o MPLA e a UNITA (União Nacional pela Independência Total de Angola) firmam um acordo de paz em Bicesse (Portugal) e convocam as primeiras eleições do país em setembro de 1992. Savimbi perde as eleições, não aceita os resultados, convoca uma outra guerra que só termina com a morte em 2003. As guerras em Angola duraram aproximadamente 40 anos de conflitos armados, 14 anos com os portugueses, e 25 anos de guerra civil. Angola é um país habitado por muitos grupos étnicos ou tribos. Cada um tem sua cultura e sua especificidade no mesmo país. Além destes, os portugueses criaram outro grupo, os mestiços, os “ango-zairenses. Os povos de origem bantos que constituíram a maioria do povo angolano são descendentes das migrações dos bantos ocidentais e dos meridionais. A palavra *bantos* significa, o conjunto dos povos da África Central, África Ocidental, e África Austral, que se traduz por SER HUMANO, pelo radical “*ntus*”. São estes que constituem a maioria da população. Calcula-se entre 09 a 100 grupos etnolinguísticos. Pela limitação do nosso espaço não detalharemos todos os grupos, mas apontaremos alguns que mais interessam no momento. “Povo não negros, e não Bantus: Bosquimanes, Vakwankala, ou Vasekele. Povos negros Bantus, Quicongos ou (Bacongo), Quimbundos, Lunda Quiocos, Mbundos (Ouvimbundu), Nganguela, Nhaneca-Humbe, Hereros e Xindongo (REDINHA, 1974, p. 23).

Outra divisão de grupos é denominada *etnolinguísticos*: Bacongo, Kimbundo, Umbundo, Chokwe, Nganguela, Herero, Ambó. Os grupos etnolinguísticos Bacongo ocupam o Nordeste de Angola. O Grupo etnolinguístico Kimbundo constitui segundo maior povo angolano. O grupo etnolinguístico Umbundu ocupa a maior população angolana. O Grupo etnolinguístico Chokwe cobre uma parte significativa do país. Eram os povos mais agressivos, e mais independentes, fieis as suas tradições. O Grupo etnolinguísticos Nganguela, leste de Angola, fronteira com a bacia do rio Zambeze, o Grupos etnolinguísticos Herero, Sudeste de Angola, Grupos etnolinguísticos Ambó, Sul.

“Quando os portugueses chegaram a Angola, encontram povos organizados, com seus reinos, reis, e política de governo”. (CHAVES, 2008, p.21-26). Naquele tempo havia uma rainha, conhecida como Ginga, seu nome era Nzinga Mbandi Ngola. Mas adiante iremos falar nela.

A contribuição das mulheres intelectuais no processo da independência de Angola

De que maneira a mulher intelectual angolana contribuiu no desenvolvimento de Angola? Quem são essas mulheres? De que região de Angola elas vieram? Considerando as divisões dos grupos etnolinguísticos de Angola, é necessário apontarmos as regiões de onde vieram, seus hábitos e costumes. Já que nossa proposta é falarmos de Angola, vamos apontar algumas mulheres que se destacaram na era colonial, que contribuíram de maneira significativa para a libertação do povo angolano, e se transformaram em símbolos da mulher angolana.

O povo Ouvimbundu é a tribo que mais resistiu contra o imperialismo português século XV. Nzinga Mbandi (1624-1663) emerge como a grande líder clandestina da resistência nacional. Nzinga Mbandi pertence ao povo Ginga de Matamba, nascida em Cabassa, interior de Matamba,

grupo etnolinguístico dos Mbundus. Filha do rei dos mbundus no território Ndongo. Foi enviada à Luanda pelo seu meio irmão e rei Ngola Mbandi, para negociar com os portugueses. Foi recebida pelo governador geral e pediu a devolução de territórios em troca da sua conversão política ao cristianismo, recebendo o nome de D. Anna de Sousa.

Os portugueses não respeitaram o tratado de paz, e criaram uma situação de desordem no reino de Ngola. A enérgica guerreira, diante da gravidade da situação e da hesitação de seu irmão manda envenená-lo, tomando o poder e o comando da resistência à ocupação das terras de Ngola e Matamba. Não conseguindo a paz com os portugueses em troca de seu reconhecimento como rainha de Matamba, renegou a fé católica, aliou-se aos guerreiros jagas de Oeste e fundou o modelo de resistência e de guerra que constitui o quilombo. Com sua política ardilosa, conseguiu formar uma poderosa coligação com os estados da Matamba, Ndongo, Congo, Kissange, Dembos e Kissama, e condenou a resistência à ocupação colonial e ao tráfico de escravos no seu reino por cerca de quarenta anos, usando táticas de guerrilhas e de ataques fortes contra coloniais portugueses.

Depois a assinatura de um tratado (1656) com o governador geral, que incluiu a libertação de sua irmã Cambu, convertida seu nome como Dona Bárbara e retida em Luanda por cerca de dez anos pelos portugueses, e sua renúncia aos territórios de Ngola, uma paz relativa voltou ao reino de Matamba até sua morte, aos 82 anos, sendo sucedida por Cambu, continuadora da memória de sua irmã. Admirado pela sua liderança política, o escritor francês, Jean Luis Castilhon, inspirado nos seus efeitos, foi citada no livro *L'Histoire de l'Afrique*, da publicação Histoire Universelle (1765-1766) reconhecida em Angola como umas das mulheres mais importantes da história revolucionária de Angola. Sua contribuição consiste na sua participação discreta contra a luta colonialista portuguesa, estrategista militar, e corajosa. “*Era uma mulher bonita, alegre, simpática, sendo seu defeito bicha-fera-ferida, caso lhe violassem um direito*” (PACAVIRA, 1985, p. 17).

Outra figura importante é a Diolinda Rodrigues, conhecida pelo seu martírio na luta contra a libertação nacional. Foi uma combatente da liberdade, dirigente do movimento revolucionário angolano e uma ativista incansável dos direitos humanos. Sempre esteve na linha de frente na luta ao lado dos seus camaradas angolanos e teve contato com figuras de renome internacional, como o líder negro da luta pelos os direitos civis nos Estados Unidos. Se correspondência com Martin Luther King no final dos anos 50, época em que liderava em Alabama a luta contra a segregação racial e pelos direitos civis dos negros americanos. Diolinda Rodrigues é consagrada como heroína angolana que lutou frente a frente com a milícia portuguesa. No dia em que se comemora o dia da mulher, nomes como dela, Nzinga Mbandi, Eugenia Neto que sempre esteve ao lado do seu marido, o consagrado presidente e poeta Antonio Agostinho Neto, são lembradas como símbolos da mulher angolana, não só vistas como guerreiras também consideradas grandes articuladoras intelectuais, e políticas, que contribuíram significativamente na luta contra os portugueses até a independência de Angola.

As correspondências que Diolinda mantinham com Martin Luther King mostram articulações intelectuais, compromisso político e visão crítica sobre a realidade de Angola na era colonial. Martin Luther King, com suas sábias palavras, consolava sua “homóloga” guerreira, com

palavras de encorajamento, e animando-lhe na nobre luta e justa de sua nação. Diolinda é conhecida também pelo seu consagrado poema, *Mãe África*.

A invisibilidade das mulheres intelectuais

Na era colonial a mulher intelectual era ousada, tinha rosto, e nome. É verdade que muitas passaram sem nomes, sem rostos, mas que a história lhe reserva também grandes lembranças na luta de libertação colonial. Hoje em Angola, pós-independência, e pós-guerra civil, como se configura a mulher intelectual angolana? Temos alguns nomes, como: a poetisa Alda Lara, Celestina Fernandes, Eugenia Neto, Paula Tavares, Amélia Dalomba, Elsa Major, Ana Branco e Isabel Ferreira. São nomes que tem contribuído na literatura angolana. São intelectuais porque estão a serviço da difusão cultural por meio da literatura, trazendo novos olhares reflexivos sobre Angola. Por um lado, são intelectuais que são desconhecidas de maneira geral do povo. O povo angolano não tem a cultura de ler. E os poucos que lêem são alguns “poucos” universitários e políticos. Provavelmente muitas dessas poucas intelectuais literárias estão envolvidas direta ou indiretamente com a política. São 60% do povo que são analfabetos, dentre esses, a maioria são mulheres. Eis razão porque temos poucas mulheres intelectuais acadêmica em Angola, embora existam aquelas intelectuais orgânicas.

Por outro lado o contraste é gritante, não é fácil distinguir quem é a mulher intelectual em Angola. Onde estão e o que fazem. Parece-nos que a mulher intelectual, ainda que escritoras sejam consideradas apenas “mulheres”, longe de serem percebidas como intelectuais. O termo intelectual em Angola está estritamente ligado aos políticos. Somente os políticos são considerados “intelectual” pelo seu compromisso ético que presta à sociedade.

Mencionamos outra categoria de grupo que são a meu ver intelectual os docentes das universidades. Este grupo na sociedade angolana é invisível a exceção de alguns poucos que são conhecidos nos cálculos políticos ou os que se destacam na produção literária, p.ex. Pepetela, embora não sendo um professor de carreira de universidade. É na política que o docente é legitimado e reconhecido como tal. Para ser reconhecido como docente intelectual em Angola, não necessariamente tem de produzir tabeladamente artigos científicos publicados, ou tanto de livro publicados. O que vale é o título de docente universitário, ostentar tal status é de mais valia na sociedade.

Outro grupo de intelectuais são os religiosos que muito contribuíram na pacificação e reconciliação do povo angolano no processo de paz em Angola. Pastores procedentes de Igrejas Históricas, bem como padre são considerados intelectuais devido a sua boa formação teológica, filosófica e sociológica. Já os pastores procedentes das Igrejas Pentecostais e neo pentecostal com a exceção de alguns poucos formados nos cursos livres de teologia, e em curso superior -secular, na sua maioria se apropriam apenas do título para usufruírem do status de ministro religioso. Ser ministro religioso em Angola é ser alguém importante e goza de alguns benefícios do governo. Mas muito destes de modo geral, a questão intelectual está restrito no âmbito moral, reduz a homilia², num discurso espiritualizante. Em Angola muitos desses religiosos são semi-analfabetos, no sentido

² Expressão usada entre os teólogos e pastores, significa: pregação, discurso em forma de oratória.

estrito do termo, o que os faz ser limitados. E os poucos intelectuais se tornaram protocolares. Ressaltamos que o governo angolano reconhece a importância dos tais intelectuais, e do papel da igreja na construção cívica e moral do povo angolano ainda que num discurso aparente. Porém, é lamentável que os poucos religiosos com boa formação em Angola, não exercem consideravelmente seus potenciais “intelectuais” coisificaram-se a insignificância intelectual, tornando-se apenas protocolos e tagarelas de púlpitos.

Voltamos à questão da invisibilidade da mulher intelectual em Angola que é a nossa proposta inicial. A mulher angolana, ainda que isto seja paradoxo, exercem forte influências no lar, na “política” na sociedade, mas, não aparecem como tais. A mulher são apenas figuras simbólicas, como vai dizer Donizeth:

A exaltação e a invocação da Mãe -África foi um canto comum cantado em coro pelos poetas angolanos a partir do Movimento Vamos Descobrir Angola, surgido em 1948 em Luanda. Essa Mãe era, ao mesmo tempo, mulher e terra, configurada nos mesmos padrões das Grandes Mães neolíticas, deusas da fertilidade e da fecundidade, e representava, no contexto angolano (e africano), a mãe biológica, a nação angolana e o continente africano, numa perspectiva pan-africanista que concebia a África como a progenitora da raça negra e também a terra prometida de um povo e diáspora.³

O paradoxo é que a mulher angolana é retratada como a mulher forte, a guardiã da família, mantenedora do lar e protetora. São as que mais sofrem na sociedade angolana. O futuro da mulher angolana é dúbio, em vários sentidos e vamos nos esforçar em especificar. Primeiro é que ser mulher em Angola é duas vezes difícil em relação ao ser mulher no Brasil por exemplo. Muitas mulheres na época da guerra civil enquanto seus maridos eram recrutados para a guerra, elas sustentavam as famílias, tinha de trabalhar muito, como ainda hoje em mercados livres; a contar que em casa, algumas mulheres “mais submissas aos maridos” têm de fazer prestação de contas financeiras, além de ter em casa um marido agressivo e violento. A ironia é que muitas dessas mulheres não são alfabetizadas, e as que são também vivem nas mesmas condições de humilhação. Segundo, são vítimas de preconceitos intelectuais a começar nos próprios lares. A questão é que mulher não precisa estudar; não se constitui em um problema social; apenas nasceu para criarem os filhos; serem donas de casa, e o suporte do “clã.” A Mãe África já pressupõe a mulher biológica, protetora, forte, progenitora, mas não a “Mãe” “Intelectual”. Alguns nomes que citamos, são algumas exceções que fazem parte desse paradoxo de ser mulher intelectual em Angola no pós-guerra civil, mas também não escapam da mesma lógica de reflexão.

As intelectuais angolanas hoje têm e não tem visibilidade em nossa sociedade. É difícil termos uma opinião pública quanto à visibilidade da mulher intelectual em Angola. Não me ocorre agora, lembrar nomes de mulheres intelectuais angolanas de figura pública, exponencialmente nos cálculos científicos e filosóficos. Reputam-se mais homens... Conhecemos, por exemplo, Pepetela, uns dos poucos intelectuais angolanos conhecidos como um literato nacional e internacional, como o saudoso Agostinho Neto. E as mulheres, que nome hoje em Angola poderia ser apontada? A nova geração que mesmo com formação superior, são invisíveis também. Em Angola pós-guerra, a

³ SANTOS, Aparecido Donizeth. *Representação Da Mãe- África Na Literatura Angolana*. (Artigo- resumo de dissertação). Universidade Estadual de Londrina. Paraná: 2005. p. 27.

preocupação da nova geração é ascender socialmente, a preocupação de ter um bom carro, uma boa roupa, e um bom sapato, o prestígio do ter é que lhes interessa de primeira mão. Os angolanos confundem intelectualidade com ser retórico; falar bem em público, ou ainda ter um fato⁴ mais cara do mercado, e um carro de última geração, se lhe legítima a titulação de “doutor”. Existe uma grande gama de mulher, jovens estudando no exterior, quando regressam ao país, tem de readaptar-se a própria cultura original, muitos/as não se veem mais angolanos/as em seu próprio país, hostilizam sua própria cultura, porque julgam ter adquirido uma “cultura superior” que é a cultura do branco europeu. Com essa atitude entendem-se como intelectual. Se tornam arrogantes e com sentimentos de superioridades com relação aos que se formam no próprio país. Esse é outra visão paradoxal da mulher intelectual angolana que se forma no exterior.

Por um lado à cultura angolana não valoriza a mulher intelectual, colocada na categoria apenas de mulher forte e guerreira. Seu valor consiste em estar na cozinha, no cuidado do marido e dos filhos. Na política a forte tendência é o homem que dirige, e que governa. As mulheres são apenas lembradas no dia 02 de maio, dia da mulher, é aí que são “lembradas” como mulher intelectual, enaltecidas mais como heroínas tombadas na guerra contra o colonialismo e não como as intelectuais. “Parece-nos um discurso retórico, que por sinal soa hipocrisia, dizer que elas são a força” da sociedade, mas não se lhes atribuem um caráter de mulher intelectual, e de exercer sua cidadania com mais liberdade, direitos iguais. Perguntamos como a mulher intelectual em Angola se configura de verdade? Não existe uma resposta a contento porque a situação da mulher angolana é ambígua. A mulher que historicamente esteve presente e ativo na luta para Independência de Angola é a mesma mulher invisível na sociedade.

O destaque de algumas “intelectuais” na sociedade angolana são aquelas de caráter pública como as musicistas. Mas estas por sua vez, são invisíveis no sentido de que não são mulheres intelectuais revolucionárias. Os poucos nomes que mencionamos, são intelectuais literárias, com ótimas produções poéticas, que subjetivamente falam da dor, do sofrimento, da guerra e da fome em Angola. Mas suas obras são desconhecidas por uma boa parte do sexo feminino. A justificativa é que boa parte das mulheres em Angola são analfabetas.

Em Angola a mulher intelectual é vista pela posição de trabalho privilegiado que ocupa, p. ex. ser ministra, governadora, chefe de gabinete, repartições públicas, deputada, e advogada, musicista etc. São posições de respeito é verdade, mas são apenas indumentárias simbólicas. São consideradas intelectuais pela posição e responsabilidade que exercem. O que elas produzem fica confinado apenas no imaginário da própria sociedade. Outras mulheres se consideram cultas ou intelectuais pelo número de viagem que fazem no exterior. Em Angola não precisa ser classe média para viajar no exterior; é só ter dinheiro que sai do país, pois existe um mercado informal que facilita as pessoas trabalharem e adquirirem dinheiro. É verdade que ainda é privilégios de poucas mulheres, por outro lado, se confundi viajar para o exterior em ser uma mulher intelectual. E a verdade é que esse modo de pensar está no imaginário da sociedade angolana. É interessante observar, p. ex. no aeroporto internacional 4 fevereiro, que há mais mulheres que homem em

⁴ Termo usado ainda hoje em Angola. Conjunto de: blazer, calça e gravata, o que no Brasil chamam de Palitó

viajem, ataviadas, com ares de mulheres “importantes”, outras não escondem suas origem de periferia, e no meio de tudo isso, por vezes, são comerciantes. Mas o que há de incomum nelas? A mulher angolana são todas sofridas. O sofrimento da guerra, da fome, do preconceito, da discriminação e de ter que ter que “dividir” um marido com outras, é a marca da comum ambiguidade da mulher intelectual em Angola.

A nova geração tem outras ambições, e mesmo que tenha gana por estudar, se formar, ser alguém, reside apenas no status. A revolução de Nzinga Mbandi e Diolinda Rodrigues foi uma revolução intelectual, racional e não tanto pela força da arma. Penso que a nova geração deve ser astuciosa no sentido de valorizar mais a razão e inteligência do que fazer de conta que é... Infelizmente o perfil da mulher intelectual desta nova geração é a preocupação com a beleza do corpo. Sabemos que essa é nova tendência do mundo feminino, mas a verdade, é que a mulher angolana sempre foi atraída por vestir bem, ou estar bem apresentada. Estar bem vestida para mulher angolana é mostrar importante, é um modo de valorizar como mulher. O acesso à nova tecnologia dá certa ilusão de liberdade à mulher intelectual angolana.

Será uma ilusão pensarmos que a mulher intelectual em Angola usufrui de total liberdade. Não sou tão pessimista, acredito na força e na capacidade da mulher angolana, mas a verdade é que não as vemos com muita facilidade, quem é e onde estão. Existe avanço na valorização da mulher em Angola, ainda que lento, mas, acreditamos na força da política do governo a inserção da mulher em dar mais visibilidade e acreditar na capacidade intelectual da mulher. Uma coisa inédita que está acontecendo hoje em Angola, é fato de uma jovem mulher se candidatar a presidência da República num país como Angola. Isso é uma pequena prova da liberdade que a mulher intelectual angolana conquistou, e vem conquistando ao longo da história. Aliás, penso ser esse o momento de vermos com os bons olhos que a democracia em Angola está amadurecendo.

Como são discutidas as questões de gênero em Angola

As questões de gênero em Angola são desafiadoras porque não existe uma política sólida que discutem sistematicamente os problemas das mulheres angolanas. Nesse sentido ainda estamos engatinhando nas pesquisas, não por falta de recursos, mas porque as universidades formam mais os alunos para o mercado de trabalho. Ou seja, depois da guerra civil, muitos jovens que ficaram parados sem estudar, com a tão sonhada paz, muitos voltaram a estudar, e há uma procura grande de jovens que ingressa nas universidades; isso implica também, a procura de cursos que dão retorno financeiro a médio prazo. Ser um pesquisador p. ex. em Angola é “irrelevante”, ou seja, não temos a tradição da escrita, do escrever, está restrita apenas aos trabalhos de conclusões para a obtenção do diploma de licenciado ou bacharelado, salvo aos poucos que chegam ao mestrado e doutorado. Em se tratar em pesquisa de gênero, não é do interesse da boa parte dos acadêmicos e dos professores. Creio que à medida que vamos amadurecendo como universidade, como intelectuais, surgirão novas consciências que inquietarão a sociedade no modo geral.

Existe em Angola a Organização da Mulher Angolana (OMA) tem como política “a proteção” a mulher. Mas não é uma organização de cunho acadêmico, embora, louvável a proposta.

Qual é o perfil dessas mulheres? No geral são mulheres intelectuais orgânicas. Ou seja, não necessariamente pessoa com formação superior, são por vezes, mulheres voluntárias que trabalham na luta contra a violência a mulher. A discussão de gêneros por enquanto está por conta da OMA; a esperança é que haja uma parceria entre as universidades, para enriquecer mais ainda o trabalho que vem sendo feito com muita honestidade por parte da Organização da mulher angolana.

Conclusão

Enalteçamos as mulheres angolanas. Nosso objetivo mostrar ao longo da história, que a mulher intelectual angolana esteve sempre presente na construção do país. O continente que lhe aclama como Mãe África, como a progenitora biológica de seus filhos africanos angolanos, que sempre cuidou, alimentou, protegeu, é a mesma mãe que seus filhos negam o direito de ser, de pertencer, de exercer seus direitos; ser mulher independente, com liberdade de dizer o que pensa e o que sente; dizer não as torturas físicas e psicológicas; não a submissão cega a uma política discriminatória; ter direito a instrução.

A história da mulher intelectual angolana não se configura apenas num cenário de sofrimento, de guerra, fome e de pobreza. A mulher angolana é parte de uma sociedade rica em minerais naturais, que vem crescendo economicamente. É justo apontar que há uma preocupação do governo na melhoria das condições sociais dos angolanos, como também, existe a preocupação na luta contra a violência doméstica. A OMA⁵, um núcleo dentro dos programas políticos do governo do partido do MPLA vem fazendo sua parte. Deve ser um trabalho de toda a sociedade.

Em Angola quem mais é discriminado é a mulher. Sofre quase em todos os sentidos. Mostramos em miúdos algumas razões porque a mulher angolana é sofrida. Mas a mulher angolana tem suas qualidades. Uma das qualidades é o fato de serem mulheres corajosas, que lutaram, vem lutando, conquistando aos poucos seu espaço na sociedade, transformando lentamente a nação em uma sociedade mais justa e igualitária. A fidelidade aos costumes culturais, ainda que enfraquecidos pelas novas tendências modernas, conservam os traços originais de suas identidades étnicas. Não resumimos a mulher angolana apenas nessas qualidades, mas, sabemos que vão mais além dessas fronteiras.

São convicta e sonhadora de que um mundo melhor está por vir, que um dia gozarão a liberdade e o direito de igualdades entre os gêneros; Que as mulheres intelectuais um dia será vista na sociedade angolana; Que o sol da aurora intelectual das mulheres angolanas brilhará sobre todas como a Águia nas alturas.

Mãe África, ao longo da história, se configurou apenas como a mulher acolhedora promogênitor e biológica. As mulheres intelectuais angolanas, não serão vistas como uma figura simbólica apenas: A Mãe África. Serão vistas como figuras “reais” e não simbólica dos rituais de seus ancestrais que as coisificaram durante séculos. Acreditamos que em Angola teremos uma

⁵ Organização da Mulher Angolana. Órgão que defende os direitos da mulher angolana.

sociedade onde a mulher intelectual orgânica será visível, e serão intelectuais de academia, num país como Angola preconceituosa e machista.

Referências

CHAVES, Mateus Justino. *O papel Reconciliador da Igreja no Pós- Guerra Civil em Angola*. ed. Transcultural. Anápoli. Goiás: 2008.

FERREIRA, Isabel. *Guerreira das Letras Angolanas*. Tabuleiro de Letras, Revista do Programa de Pós- Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia- UNEB. Ano 01 N° 02.

NETO, Agostinho. *A Voz Igual*. MPLA, 1996, Luanda-Angola.

NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança*. Ed. UEA, 2009, Luanda- Angola.

NETO, Agostinho. *Sobre A Poesia de Angola*. Ed. UEA, 1988, Luanda- Angola.

PACAVIRA, Manuel Pedro. *Nzinga Mbandi*. Ed. UEA, 1985- Luanda- Angola.

SANTOS, Aparecido Donitzeth. *Representação Da Mãe- África Na Literatura Angolana*. (Artigo-resumo de dissertação). Universidade Estadual de Londrina. Paraná: 2005.

VENTURA, Pedro Paulo Ramos. A Religião na Época da Independência de Angola. *Identidade*. Vol. 07 janeiro- junho/2005 ISSN 1676-9570.

ZAU, Filipe. *Educação em Angola*. Ed. Movilivro, 2009, Luanda- Angola.